

**ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: O DESAFIO  
DE ORIENTAR OS ADOLESCENTES DO 8º ANO “C” NA ESCOLA MUNICIPAL  
PROF.<sup>a</sup> JOCIÊDES ANDRADE, EM TABATINGA/AM**

Bluneza Pereira Martins<sup>1</sup>

Sâmia Mara Peres Obando<sup>2</sup>

Adriana Aparecida das Neves de Queiroz<sup>3</sup>

**RESUMO**

O presente artigo apresenta uma análise da pesquisa realizada com professores e alunos do oitavo ano “C” da Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Jociêdes Andrade, em Tabatinga/AM, no que se refere em como está sendo desenvolvida a orientação sexual nas aulas de Língua Portuguesa, no contexto educacional da referida escola. A metodologia utilizada está pautada na investigação qualitativa, e os procedimentos metodológicos para coleta de dados basearam-se na aplicação de questionários e entrevistas. O estudo está constituído em quatro partes: Introdução, Referencial Teórico, Resultados e Discussões, e, Conclusões, onde a partir das respostas do público participante, obtidas por meio de questionário e entrevista estruturada, observou-se que os docentes não trabalham o tema na citada disciplina. E, ainda, quando abordada a orientação sexual, é apenas pela vertente de cunho biológico. Sendo assim, a necessidade de intervenção direcionada a projetos voltados à orientação sexual na forma preconizada nos PCNs é premente. Dessa forma, o planejamento para aulas interdisciplinares e transdisciplinares sobre a temática, resultaria em reflexão e crítica do seu desenvolvimento pessoal, histórico, cultural e profissional, bem como, na preocupação da construção de conhecimentos sólidos sobre a sexualidade dos alunos.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Adolescência. PCN. Orientação Sexual.

**1 INTRODUÇÃO**

O tema sexualidade é pleno de significados na vida de todos nós. Na vida dos adolescentes, sobretudo, o tema ganha grande dimensão, quando concebido com função transversal. Já que ao atravessar fronteiras disciplinares, ele funciona de forma a expandir seus efeitos em domínios mais heterogêneos.

Nesse sentido os Parâmetro Curriculares Nacionais - PCN orientam para que a escola, através de práticas pedagógicas diversas, venha a construir e mediar a relação do sujeito consigo mesmo, de modo a fazer com que o indivíduo tome a si

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Amazonas-UEA. bluna.10.martins@gmail.com.

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Amazonas-UEA. samiaobando95@gmail.com.

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Amazona-UEA. anaqroz\_13@hotmail.com.

mesmo, como objeto de cuidados. E através da colocação da sexualidade em discurso, mecanismos, metodologias e práticas, vem contribuir na construção de sujeitos autodisciplinados no que se refere à maneira de viver sua sexualidade.

Porém, na maioria das oportunidades que o professor tem para abordar o tema, aborda apenas a anatomia e fisiologia do sistema reprodutor feminino e masculino, prevenção das DSTs/HIV/AIDS e métodos contraceptivos. Sem dúvida, esses assuntos merecem ser enfocados, mas é preciso que a Educação Sexual seja incluída no contexto escolar de maneira que os sentimentos, o prazer e o respeito às diversidades sexuais, sejam também utilizadas na abordagem deste conteúdo, em todas as disciplinas.

Para evitar o constrangimento, assédio ou bullying por parte dos estudantes, a escola pode e deve falar aos jovens sobre a necessidade de respeitar as diferenças e de refletir sobre como quem não tem o "comportamento padrão" imposto pela sociedade sofre muito. Falar dos diferentes tipos de orientação sexual: atração afetiva pelo mesmo sexo ou identificação física e psicológica com o sexo oposto, no ambiente escolar faz parte, embora não seja fácil.

Nessa perspectiva, torna-se necessário abordar assuntos pertinentes a gênero, transformações ocorridas na puberdade, gravidez indesejada, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e, finalmente, como a educação pode ajudar no desenvolvimento da sexualidade. Ninguém pode ignorar a problemática vivenciada, fugindo de sua responsabilidade de contribuir para que os jovens possam conhecer e entender sua sexualidade em todos os aspectos e fases de seu desenvolvimento, exercendo desta forma seu papel na sociedade com prazer e responsabilidade.

Pautando-se nas premissas acima descritas, o objetivo deste artigo é de apresentar o resultado do trabalho realizado no tocante à identificação e análise de como estão sendo desenvolvidos os trabalhos de orientação sexual transversalmente no contexto educacional da Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Jociêdes Andrade, no Município de Tabatinga/AM, a problemática do trabalho é: Como os professores conceituam, elaboram e desenvolvem a temática orientação sexual, nas aulas de Língua Portuguesa? E, qual a perspectiva dos alunos em relação ao tema orientação sexual?

O artigo desenvolveu-se por meio da linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, lançando mão de pesquisa bibliográfica e de campo, com enfoque qualitativo e o método dialético.

Dessa forma, este artigo descreve como estão sendo desenvolvidos os trabalhos de orientação sexual, quais as dificuldades que os professores de Língua Portuguesa enfrentam ao discutir a sexualidade com os adolescentes, bem como, os aspectos positivos e negativos na opinião dos alunos sobre as referidas aulas. E assim, oferecem alternativas para a construção de concepções estratégias para se trabalhar o tema, visando a oferta de informações que possam subsidiar educadores no direcionamento de trabalhos voltados à temática.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Orientação sexual nos PCNs tem o mesmo significado que educação sexual, que para Webere (1977) é conceituada como “[...] compreende todas as ações, diretas ou indiretas, deliberadas ou não conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo ao longo de seu desenvolvimento, que lhe permite situar-se em relação à sexualidade em geral e à sua vida sexual” (WEREBE, 1977, p.11).

Como segunda definição e referência de orientação sexual citamos Figueiró (1997), que afirma:

Toda ação ensino/aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimento, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual (FIGUEIRÓ, 1977, p. 38-39).

Tanto os PCNs como o autor acima, definem a orientação sexual como sendo um meio para socializar o aluno, para que este consiga se adequar à sociedade e construir sua educação com as referências que lhes são fornecidas pela escola, família e outros. Esta construção se dá através de novas ressignificações dos conhecimentos que lhes são apresentados dia-a-dia pela convivência e conhecimento do ambiente de que os jovens fazem parte, fazendo com que abandonem conceitos antigos que muitas vezes adquirem erroneamente.

Além do convívio social e familiar, a educação sexual depende da cultura a qual o jovem está inserido, sendo comprometida pelo processo cultural, onde cada

indivíduo “acultura-se” através das expressões, atitudes, gestos e falas do local onde vive e está inserido. Assim, a educação sexual se forma, também, pela comunicação verbal e não-verbal, observadas pelo adolescente e Braga (2002) recomenda:

[...] vista como uma parte do processo educativo pelo qual uma pessoa passa, deve estar voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade. Cada etapa da vida de uma pessoa acontece com determinados objetivos. Também a educação sexual é pautada em diversos objetivos, pois afinal quem educa o faz com uma determinada finalidade [...] (BRAGA, 2002, p 74).

E Montanardo (2008), sintetiza a resposta desses estudiosos de diferentes épocas acerca da definição de educação sexual e a determina:

[...] sendo sempre necessária, porque o adolescente precisa ter acesso às informações adequadas e de alguém que lhe mostre o caminho, que lhe diga como agir, o que fazer e o que evitar, caso contrário ele será incompetente sexualmente talvez não seja feliz, não fará outro feliz, além de estar correndo graves riscos quanto a sua integridade física. (MONTANARDO, 2008, p.38).

Por outro lado, Castro e Silva (2002) definem a educação sexual como sendo um processo de intervenção sistemático e contínuo, realizado na escola com o envolvimento de toda a comunidade escolar, assegurando ao aluno espaços necessários para receber uma informação clara e precisa, através de conceitos que o levam à construção do pensamento e a reflexão de valores.

Outrossim, sabe-se que os PCNs são a base de uma proposta curricular implementada pela Secretaria de Educação Fundamental no MEC para atender a necessidade da educação básica que se encontra nas escolas. (BRASIL, 1998). Os mesmos apontam como objetivo geral, entre outros, a abordagem da temática Orientação Sexual dentro e entre todas as áreas disciplinares. Nesse sentido, se propõem a apresentar materiais de apoio viabilizando o desenvolvimento das práticas, estudos e reflexões por parte dos professores, como fica evidenciado a seguir:

[...] toda atividade de sala de aula é única, acontece em tempo e espaço socialmente determinados; envolve professores e estudantes que têm particularidades quanto a necessidades, interesses e histórias de vida. Assim, os materiais de apoio ao currículo e ao professor cumprem seu papel quando são fonte de sugestões e ajudam os educadores a questionarem ou a certificarem suas práticas, contribuindo para tornar o conhecimento científico significativo para os estudantes (BRASIL, 1998).

Assim, o ensinar sobre sexualidade não depende somente dos professores, mas também do todo. Todos os indivíduos que fazem parte da comissão escolar devem estar atuando juntos e estar preparados para enfrentar e dialogar sobre qualquer assunto, e para isto é necessário que haja estudo anteriormente a estes episódios, que a escola tenha um momento de reflexão sobre sexualidade e um bom projeto sobre educação sexual (CASTRO, 2009).

Porém, para Sayão (1997), os professores nem sempre estão aptos a mediar sobre a educação sexual. O assunto nunca é debatido, ao invés, somente se fala com os alunos sobre educação sexual quando surge com alguma dúvida “fora de hora”. Quando isso acontece, ou o professor responde desajeitadamente de acordo com sua experiência de vida sobre o assunto. O que pode ter um resultado desastroso para a educação daquele que está com dúvidas sobre o tema.

Dessa forma, considerando-se especificamente o espaço da escola, é fundamental desenvolver um pensamento crítico reflexivo acerca das ações ora desenvolvidas. E para obter-se resultados mais completos, será necessário acompanhar sistematicamente esse trabalho, visando a problematização das escolhas metodológicas e os efeitos alcançados.

### **3 METODOLOGIA**

O presente artigo originou-se de pesquisa de campo desenvolvida na Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Jociêdes Andrade, localizada à Av. Amizade, 1560, Centro, neste Município, com 02 (dois) professores e 20 (vinte) alunos, com idade de 14 a 16 anos, do oitavo ano do Ensino Fundamental, Turma “C”, considerando-se que os maiores problemas relacionados ao tema, ocorrem na adolescência.

Assim a população escolhida, deu-se a partir dos argumentos de Zanelli:

A seleção não pode ser aleatória, e sim uma escolha intencional, isto é, ao invés de retirar de uma parcela randomicamente sorteada da população, prefere-se selecionar um pequeno número de pessoas com características, comportamentos ou experiências específicas, para facilitar comparações gerais entre certos grupos que o pesquisador julga ser importante. (ZANELLI, 1992, p. 42).

A investigação desenvolveu-se por meio da linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade, por se tratar de um tema relacionado à área educacional. Assim,

este trabalho privilegia a pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório, pois esse método permite conhecer mais de perto a realidade e o cotidiano da prática de professores e alunos.

Minayo, 1999 afirma que:

A pesquisa qualitativa responde à questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operações de variáveis. (MINAYO, 1999, p. 22).

Assim, entende-se a abordagem acima escolhida é a mais adequada, visto que, dispõe de recursos que permitem maior aproximação entre pesquisador e seu objeto de estudo, propiciando com isso, uma melhor compreensão da rotina escolar e das percepções que envolvem o problema em questão.

É uma pesquisa qualitativa com complementos quantitativos. Para tanto, dados somativos foram necessárias. O trabalho realizado foi participativo, crítico e criativo, visando a análise dos dados colhidos com o gestor, educadores e educandos em relação ao assunto.

Preliminarmente, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, onde foi feita a leitura de dois livros, foram eles: *Orientação Sexual na Escola* – um projeto apaixonante de Antônio Carlos Egypto e *Nudez Masculina Ano 2005* de Hildebrando A. de André. Que como caracteriza Pádua (2004, p. 52), “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu a respeito do tema”, de forma que buscar-se referencial nas palavras de outros autores para um melhor entendimento dos resultados, através das leituras analíticas de textos previamente selecionados, seguindo o assunto, onde foram utilizadas duas categorias para proceder a classificação bibliográfica: O que é orientação sexual; e, orientação sexual segundo os PCNs.

Em seguida, foi realizado contato com a escola e após os esclarecimentos sobre o desenvolvimento dos trabalhos, foram realizados os trabalhos de pesquisa.

A amostra foi composta por 02 (dois) professores, e 20 (vinte) alunos, através de entrevista estruturada com questões fechadas e abertas, que segundo Lakatos e Marconi (2006 p. 18), “é aquela onde as perguntas são previamente formuladas e tem-se o cuidado de não fugir a elas. ”

Os documentos principais que nortearam os estudos foram os PCNs para o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries, especificamente Orientação Sexual, dos temas transversais e outras referências bibliográficas na esfera da temática. A escolha por esses documentos ocorreu pelo julgamento que eles permitem ampla utilização de registros, interpretações e comentários, produzidos de diferentes formas e em diferentes épocas, sendo a revisão dos documentos pertinentes ao tema da pesquisa uma tarefa necessária em todas as etapas do estudo (Scarparo, 2000).

Para as dissertativas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, com agrupamento e categorização de respostas de acordo com a proximidade do mesmo. Para as questões de múltipla escolha os dados foram tabulados quanto à frequência e porcentagem de respostas.

Os dados coletados foram dispostos em gráficos, devidamente organizados, servindo para facilitar a análise e consequente interpretação. Os mesmos foram classificados pela divisão em subgrupos e reunidos de modo que a hipótese de pesquisa pudesse ser comprovada.

A partir da conclusão dos trabalhos, pode-se formar novos elementos para a reflexão sobre educação e sexualidade, apontando as necessidades da transdisciplinaridade escolar. Dessa forma, as ideias aqui chegadas, levaram em consideração principalmente a ética, onde pôde-se expressar o verdadeiro resultado da pesquisa, conforme os propósitos colocados.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A unitarização dos dados se deu através do processo de categorização. Neste processo, foram reunidas as unidades de significado semelhante, gerando níveis de categorias de análise, que foram finalmente interpretadas, tendo em vista os objetivos da pesquisa e o referencial adotado, haja vista, o que afirma Lakatos e Marconi (2001, p. 38): “a interpretação é uma atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo as respostas, vinculando-as a outros conhecimentos e relacionando-as aos objetivos propostos e ao tema estudado”.

### **4.1 Resultado da pesquisa com os professores**

A entrevista com os professores teve participação de 02 (dois) educadores, que atuam como professores da disciplina Língua Portuguesa há mais de cinco anos. Como eles conceituam, elaboram e desenvolvem a temática orientação sexual nas aulas de Língua Portuguesa foi o principal tema abordado nas perguntas.

E quando perguntado a opinião sobre orientação sexual na escola, foram unânimes em afirmar a importância das aulas. Isso reafirma a importância da abordagem interdisciplinar da temática orientação sexual (MEC, 2009). Assim os mesmos acreditam que a sexualidade deve ser trabalhada na escola, pois é um local para orientação, como fica evidente na resposta da professora “A”, “*É um tema que deve ser trabalhado nas escolas, pois nós somos as pessoas que os alunos procuram para esclarecer as dúvidas*”.

E nessa perspectiva, concorda-se neste artigo que esta postura é muito importante, pois comprova que estão conscientes de sua missão de orientar seus alunos na questão da sexualidade, visto que, na família, muitas vezes, esta orientação não ocorre. E Saito (2000) também concorda quando afirma que, se a meta é informar ou, melhor ainda, formar, a escola destaca-se entre os grupos de referência.

Outrossim, quando perguntado se eles se sentem à vontade e preparados para falar de sexo com seus alunos, a professora “A” respondeu “*não me sinto capacitada para responder as perguntas que eles fazem*”, trazendo maior preocupação quando se observa a resposta do professor “B”: “*não me sinto preparado, não tive nenhuma orientação como falar sobre esse tema com os alunos.*”

Os dois educadores demonstram que apesar de serem favoráveis à inclusão do tema sexualidade no planejamento escolar, não se sentem preparados para dar orientação sexual aos seus alunos, pois necessitam de capacitação fomentada pela escola, a fim de que se sintam preparados e legalmente amparados para trabalhar a temática em sala de aula.

A educação não pode ser conduzida apenas pelas boas intenções dos educadores, pois desta forma, é bem provável que o preconceito, a discriminação, a homofobia sejam reproduzidas nas escolas (JUNQUEIRA, 2009). A escola deve ser local de transmissão e construção do conhecimento para todos, como defende Saviani (2007), mas muitas vezes acaba por ser reprodutora de padrões sociais, consolidando valores, contribuindo para formação da identidade de tantos indivíduos, legitimando o poder e o processo de acumulação.

Quando perguntado aos dois educadores, se os professores de Língua Portuguesa oferecem orientação sexual em suas aulas, a professora “A” respondeu: *“até o momento não. A ideia é oferecer esse tema nas aulas da área de saúde”*. O professor “B” respondeu: *“não oferecemos orientação sexual”*.

A necessidade de incluir a educação sexual na escola não é novidade, pois nos PCN é apresentada como tema transversal, porém, causa inquietação e demanda cuidado e ação concreta, urgente e eficiente. Sendo assim, é perceptível a necessidade do trabalho de orientação sexual na supracitada escola, tanto para alunos como para professores, como forma de preparar, direcionar e conscientizar sobre as consequências dos atos sexuais na vida psíquica e social dos indivíduos.

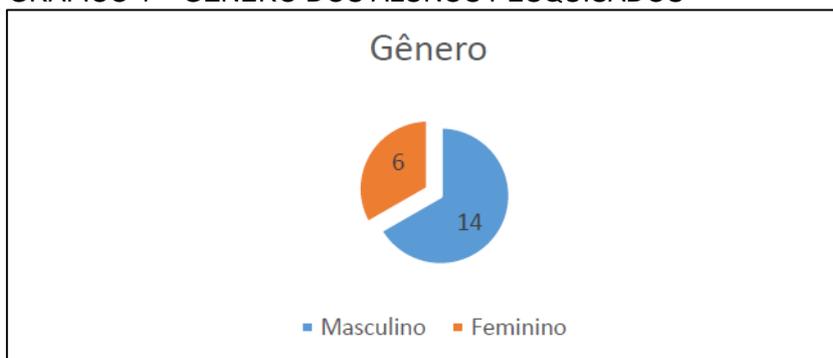
Deve-se também trabalhar as transversalizações, discutindo os temas em todas as disciplinas e não somente ser tratado nas aulas de saúde como é pretensão da professora “A”.

Dessa forma, as demais perguntas se basearam nos métodos aplicados pelos professores na execução dos trabalhos de orientação sexual nas aulas de Língua Portuguesa, porém, com a negativa da aplicação da temática nas aulas aplicadas pelos mesmos, não houve necessidade de continuação.

#### **4.2 Resultado da pesquisa com os alunos**

Participaram da pesquisa 20 alunos, onde foram aplicados os questionários com 10 (dez) perguntas: 05 (cinco) com questões fechadas e 05 (cinco) com questões abertas. No que diz respeito à faixa etária, os alunos entrevistados têm entre 14 e 16 anos, sendo 14 (quatorze) do gênero masculino e 06 (seis) do gênero feminino.

GRÁFICO 1 – GÊNERO DOS ALUNOS PESQUISADOS



FONTE: MARTINS, Bluneza. OBANDO, Sâmia 2016

Quando perguntado aos alunos se eles consideram importante a orientação sexual na escola, foi respondido pela grande maioria que sim. Somente a aluna “A” respondeu que: “*falar sobre sexo é feio*” demonstrando que falar sobre sexo provoca certos constrangimentos em algumas pessoas, mas o tema é de extrema importância, pois esclarece dúvidas sobre preservativos, DSTs, organismo masculino e feminino, anticoncepcionais e gravidez.

As respostas dos demais alunos demonstram que crianças e adolescentes estão descobrindo a sexualidade e os limites do próprio corpo cada vez mais cedo. Por isso, o foco deve ser a orientação sexual, mesmo. É preciso passar a informação sem reforçar mitos e preconceitos e possibilitar o diálogo da forma mais aberta possível. E isso deve acontecer tanto na escola quanto em casa.

GRÁFICO 2 – IMPORTÂNCIA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA?

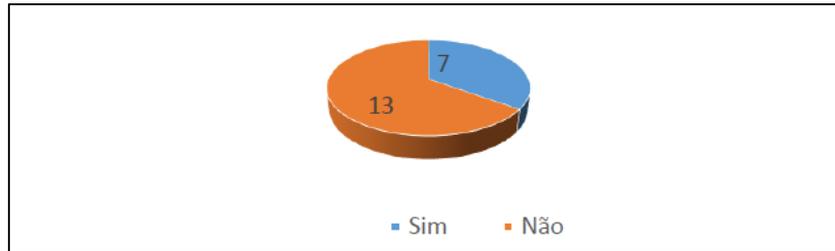


FONTE: MARTINS, Bluneza. OBANDO, Sâmia 2016.

Quando questionados em que aulas o assunto orientação sexual é abordado, obteve-se como resposta pela maioria dos alunos, que a temática é trabalhada nas aulas de ciências, nos assuntos relacionados à saúde, através de palestras, vídeos e pesquisas. As respostas evidenciam que as recomendações expressas nos PCN não estão sendo seguidas pela escola em questão, haja vista, ser recomendado seu trabalho em todas as disciplinas.

Na questão seguinte foi perguntado se nessas aulas, o assunto sexo esclarece as dúvidas dos alunos. E a maioria respondeu que não.

GRÁFICO 3 – AS DÚVIDAS SOBRE SEXUALIDADE SÃO ESCLARECIDAS?



FONTE: MARTINS, Bluneza. OBANDO, Sâmia 2016

Foi perguntado ainda, se os mesmos gostariam que a escola oferecesse mais informações sobre o tema e as respostas tiveram praticamente unanimidade nas afirmativas.

Interessante refletir que o objetivo principal da educação sexual é preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura, chamando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo para que não ocorram situações futuras indesejadas, como a contração de uma doença ou uma gravidez precoce e indesejada.

Nesse sentido, permite-se vislumbrar que as aulas abordando o assunto em questão, seriam muito bem aproveitadas pelos alunos, pois a pesquisa demonstra o grande interesse dos mesmos pelo assunto.

GRÁFICO 4 – A ESCOLA DEVERIA OFERECER ORIENTAÇÃO SEXUAL AOS ALUNOS?



FONTE: MARTINS, Bluneza. OBANDO, Sâmia 2016

A seguinte pergunta aos alunos foi se seus pais conversam sobre sexo com eles, e a maioria dos mesmos respondeu que sim, porém, a aluna “H”, traduz o tipo de orientação que grande parte desses pais dão aos filhos quando responde à questão: “*a minha mãe diz pra gente se cuidar pra não engravidar*”.

Por considerarem que o diálogo antecipa a prática sexual e por se sentirem despreparados e tímidos em tratar do assunto oriundo da deseducação sexual na qual foram vítimas, muitos pais não educam seus filhos sobre o tema. Simplesmente

recomendam às filhas para o perigo de engravidarem antes do casamento. E o prejuízo para esses jovens é imenso em todas as áreas de suas vidas, pois ansiosos em saber as origens das mudanças em seus corpos, na maioria das vezes recebem informações equivocadas sobre o assunto, dos colegas e amigos.

GRÁFICO 5 – ORIENTAÇÃO SEXUAL PELOS PAIS?



FONTE: MARTINS, Bluneza. OBANDO, Sâmia 2016

Sobre o conhecimento de métodos contraceptivos, 99% (noventa e nove por cento) dos alunos responderam sim, que conhecem e apenas 1% (um por cento) disse que não conhece todos os métodos de prevenção. E os contraceptivos conhecidos pelos mesmos são: camisinha e pílula anticoncepcional.

GRÁFICO 5 – CONHECIMENTO DOS ALUNOS SOBRE MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS?



FONTE: MARTINS, Bluneza. OBANDO, Sâmia 2016

Esses dados coincidem com o estudo de Barreiros (2005), que aponta a maioria dos adolescentes escolarizados afirmando que a camisinha é um método eficaz na prevenção de DST's e seguro na prevenção de gravidez. Observa-se assim, que há uma grande preocupação pelos adolescentes pesquisados em evitar a gravidez.

Porém, pela pesquisa bibliográfica, os teóricos deixam a entender que muitos colocam sua saúde em risco devido a prazeres imediatos, podendo contrair vários tipos de doença sexualmente transmissível (DST), ou seja, a preocupação principal dos meninos não é com a sua saúde, mas em não engravidar a menina. E a menina, tem a mesma preocupação.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao abordar um tema tão polêmico como sexualidade, depara-se com uma grande variedade de respostas, conceitos e inquietações. Hoje, a escola assume um papel fundamental na orientação, não apenas em ensinar conteúdos, mas está apta e aberta a preparar os alunos para a vida nos seus diferentes aspectos: social, sexual, familiar.

Conforme Alencar (2008, p. 162), embora haja um consenso entre os estudiosos sobre a necessidade de promover a discussão de questões referentes à sexualidade, na prática, educadores e pais ainda apresentam dificuldades em abordar o tema com os jovens.

As dúvidas que professores apresentam ao abordar o tema, mostram que eles têm a consciência da necessidade de trabalhar o assunto na escola, mas, ao mesmo tempo, consideram-se despreparados para a realização dessa tarefa, seja por falta de conhecimento, ou por medo e vergonha.

Por isso, com esse artigo deixa-se um alerta para que as escolas insiram no seu currículo capacitação de seus profissionais da educação, e que forneçam apoio e condições para que todos os professores trabalhem o tema em sala de aula de forma transversal, como recomendam os PCN. Caso contrário, os problemas relacionados à sexualidade desregrada e sem limites tenderão a aumentar.

Então, é preciso se preocupar com a formação dos educadores, para que, no futuro, os educandos tenham capacidade para criticar e ensinar às novas gerações sobre a necessidade da incessante busca da compreensão da sexualidade.

Espera-se que os educadores do amanhã possam dizer que sua personalidade crítica, reflexiva e justa é o reflexo do aprendizado ocorrido durante sua vida escolar, na qual os verdadeiros mestres estavam sempre prontos para esclarecer dúvidas e aceitar a transformação do mundo. Para Freire (1998), o ser humano precisa estar sempre em formação, pois o conhecimento é infinito.

A sexualidade trabalhada de forma correta, sem preconceitos, tabus e julgamentos, leva à formação de pessoas preparadas para exercer sua sexualidade de forma segura e saudável.

Esse artigo também serve como instrumento aos professores, para que exijam de suas escolas um trabalho efetivo e sério em relação ao tema, pois apenas dessa forma pode-se auxiliar os alunos na sua formação. Com um trabalho preventivo as chances são maiores quanto à formação de uma sociedade consciente e responsável por sua sexualidade. Quanto maior a bagagem cultural, emocional e social que cada um possui, maiores serão as chances em optar por uma conduta sexual preventiva.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Orientação Sexual nos parâmetros curriculares nacionais. In: **Revista Estudos Feministas**, 2001.

BRAGA, E.R.M. **Sexualidade Infantil**: Uma investigação acerca da Concepção das Educadoras de uma Creche Universitária sobre Educação Sexual. Assis – SP. UNESP – Universidade Estadual Paulista/Campus Assis, Mestrado (Dissertação), 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em Saúde. **Saúde e Prevenção nas escolas**: Guia para a formação de profissionais de saúde e de educação. Brasília: ministério da saúde. 2006.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e Quarto ciclos. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf> acesso em: 01/05/2016.

CASTRO, F.F. **Dúvidas e dificuldades de educadores sociais de um centro social de Maringá**. Monografia apresentada ao Departamento de Fundamentos da Educação como requisito para obtenção do título de Especialista da Universidade Estadual de Maringá. Maringá/Pr. 2002.

CHARBONNEAU. PE. **Educação sexual**: seus fundamentos e seus processos. São Paulo: Epu; 1979.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel, 1997.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MONICH, A. A. Engster, W. E. **Educação, Sexualidade e o Panta Rei**. De Heráclito. Revista Linhas, Florianópolis, v.8, n.1. jan/jun. 2007.

MONTANARDO, J. A **Escola e a educação sexual**. La Salle - Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 13, n. 1, p. 161-173, jan-jun 2008.

PÁDUA, Elisabete. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 10ª ed. rev. e atual. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

RIBEIRO, P. R. M. Os Momentos Históricos da Educação Sexual no Brasil. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. 1ª ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In AQUINO, Júlio Groppa. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.

SILVA. Castro. R. **Orientação Sexual, Possibilidade de Mudança na Escola**. 1ª ed. Campinas, 2002.

SILVA, B. Ribeiro, P.R.C. **Sexualidade no ensino de ciências**. Educação e Pesquisa 2002.

WEREBE, M. J. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Autores Associados, 1977.

VITIELLO, N. **Sexualidade – quem educa o educador**. São Paulo: Iglu. 1997.

ZANELLI, J.C. **Formação Profissional e Atividades de Trabalho**: Análise das Necessidades Identificadas por Psicólogos Organizacionais. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 1992.